

## Índice

A revolta cultural contra as elites.....	1
Porque rebentou a bolha progressista.....	3

### A revolta cultural contra as elites

Pouco a pouco, os analistas vão decifrando as causas do mal-estar que existe por trás do voto de protesto nos Estados Unidos e na Europa. Embora os motivos imediatos possam variar de um país para outro, em geral, há acordo em que os fatores económicos tiveram um peso relevante, mas também não são os únicos. Agora que a crise financeira de 2008 vai esmorecendo, ganham importância as explicações centradas nos fatores culturais e identitários.

Juntamente com o descontentamento provocado pelo desemprego, a corrupção ou os cortes, o grito “não nos representam” – invocado em plena crise pelos movimentos de “indignados”-pretendia denunciar também que as pessoas à frente do país não eram como as outras nem se ocupavam dos problemas do cidadão comum. A quebra da confiança nas elites cristalizava assim numa crise de representação, que ainda atualmente continua a encorajar os pedidos de mais democracia direta (“Aceprensa”, 9.12.2016).

Na sequência da campanha de Trump e do debate sobre o *Brexit*, começou-se a insistir no fosso entre os ganhadores e os perdedores da globalização: de um lado, os trabalhadores melhor preparados para triunfar no mercado global e educados na abertura a outras culturas; de outro, os trabalhadores de baixas qualificações, que sentem ameaçados os seus empregos por causa das deslocalizações e da imigração (“Aceprensa”, 30.9.2016).

A nova narrativa dominante nos meios de comunicação ligava já de forma expressa os fatores económicos com os identitários, não apenas com os políticos. Mas o fim da reces-

são mundial, juntamente com a força dos populismos nalguns dos países mais igualitários da Europa, como Suécia, Noruega, Dinamarca ou Holanda, está a fazer com que se procurem novas explicações.

### A revolução silenciosa

Uma das que maior eco está a ter agora é a dos politólogos Ronald Inglehart e Pippa Norris. Num relatório intitulado “Trump, Brexit and the rise of populism: economic have-nots and cultural backlash”, defendem que a recusa dos valores e estilos de vida progressistas é o fator que melhor explica o crescente voto de protesto no Ocidente, embora não excluam a relevância dos motivos económicos.

Inglehart, diretor do Inquérito Mundial de Valores, deu-se a conhecer com o seu livro “The Silent Revolution” (1977). Nele formulou a hipótese de que os níveis sem precedentes de segurança e bem-estar alcançados nas sociedades ocidentais durante os anos 50 e 60 do século XX levaram à passagem de uma cultura preocupada principalmente com os “valores materialistas” ou de sobrevivência, para outra assente nos “valores pós-materialistas” ou de auto-expressão.

Um efeito desta transformação silenciosa, que começou a tornar-se visível nos protestos estudantis de finais dos anos 60, é que os temas de classe – as questões económicas e laborais que mais interessavam ao movimento operário – foram sendo retirados do centro da agenda política. Em seu lugar, os movimentos sociais de cariz libertário conseguiram colocar outros novos que cristalizaram na aceitação de

diversas formas de sexualidade e ideias de família, no secularismo, no aborto e noutras questões éticas, na preocupação com o ambiente e no multiculturalismo.

Para Inglehart e Norris, os partidos populistas teriam encontrado uma reserva de eleitores entre os descontentes com a deriva cultural progressista, principalmente as gerações idosas, e aquelas a que agora é dito que os seus valores são politicamente incorretos. De uma "maioria cultural" privilegiada como nos EUA, os *wasp* (brancos, anglo-saxónicos e protestantes), teriam passado a sentir-se "marginalizados no seu país".

Esta perspetiva permite ler na tecla cultural a promessa de Trump de "fazer a América grande outra vez". A palavra de ordem não só apela à nostalgia dos que anseiam pela segurança económica de uma anterior idade dourada, como também a dos que veem ameaçado o consenso de fundo – social e cultural – que converteu os EUA na locomotiva do mundo livre.

### Libertários mais do que conservadores

A explicação de Inglehart e Norris ajuda a entender os motivos porque, à medida que a esquerda redefine as suas prioridades, um setor dos seus votantes tradicionais procura proteção em partidos populistas de direita como o Partido da Independência do Reino Unido (UKIP), a Frente Nacional francesa, a Alternativa para a Alemanha ou o Partido da Liberdade da Áustria ("Aceprensa", 7.6.2016).

Com efeito, como mostra o relatório, desde os anos 50 que o chamado "voto de classe" foi perdendo relevância nos países nórdicos, assim como nos EUA, Reino Unido, França ou Alemanha. Entretanto, tornou-se visível uma nova "polarização centrada nos valores". Contudo, algumas das suas conclusões são diferenciadas.

Inglehart e Norris insistem muito no fosso geracional, agravado pelo "ressentimento" das gerações idosas que assistem à "deterioração dos seus privilégios e do seu estatuto". Mas não se deve esquecer que a revolta contra as elites progressistas também é um fenómeno de jovens. Segundo uma sondagem Ipsos/Steria para as eleições europeias, citada pela socióloga Belén Barreiro, a Frente Nacional era a força política favorita entre os jovens de entre 18 e 34 anos, enquanto para quem tem mais de 60 anos era a segunda opção.

Muito menos se encaixa a identificação entre valores conservadores e populismo. Se o aumento de votos nos populistas nasce de uma reação contra a visão das elites progressistas em temas morais, que fazem os descontentes ao votar no Partido da Liberdade holandês, na Frente Nacional ou no Partido Popular da Dinamarca? Como explica Sasha Polakow-Suransky no "The Guardian" (1.11.2016), estes partidos qui-

seram distanciar-se da direita tradicional com uma nova marca que junta laicismo, progressismo em assuntos sociais e mão dura com a imigração, sobretudo muçulmana.

São os mesmos sinais de identidade que caracterizam a chamada direita alternativa ou *alt-right*, um movimento de protesto contra o politicamente correto surgido nos EUA e no Canadá. Este movimento radical atrai sobretudo universitários relacionados com a ideologia do libertarismo, mais preocupados com a raça e "a reconstrução da identidade branca" do que com a religião ou os valores morais ("Aceprensa", 25.11.2016).

### Medo do Islão

O que parece unir líderes populistas como Marine Le Pen e Geert Wilders é o medo da "islamização" da Europa. Daí que o laicismo e a defesa de uma liberdade de expressão absoluta sejam as suas principais armas políticas. E embora Wilders fale de defender a tradição judaico-cristã, não considera inconveniente incluir "as Igrejas" entre as elites que hoje conspiram contra essa herança.

Tal como eles o entendem, os muçulmanos trazem valores que são incompatíveis com as formas de vida do Ocidente. Mas não é a salvaguarda do cristianismo o que os preocupa. "Se a população muçulmana na Europa ameaça alguma coisa", defende William McGurn no "The Wall Street Journal" (3.4.017), "é o estreito e áspero laicismo que substituiu há algum tempo o cristianismo como credo dominante no continente". De facto, acrescenta McGurn citando outro jornalista, o cristianismo – que não conhece fronteiras nem raças – é uma ameaça para o projeto populista.

Precisamente um dia depois das eleições na Holanda, o politólogo Eric Kaufmann publicou uma análise no blogue da London School of Economics, no qual relaciona a ascensão dos partidos populistas de direita na Europa com a inquietação perante a projeção do aumento da população muçulmana em 2030. Embora as estimativas demográficas não correspondam sempre à perceção dos cidadãos, observa-se que onde se espera que a população muçulmana cresça mais (França, Suécia, Áustria, Holanda, Suíça, Reino Unido, Noruega, Dinamarca), os populistas têm mais força do que noutros países onde a população muçulmana irá crescer menos (Portugal, Islândia, Irlanda, Espanha).

Muito menos Trump parece guiar-se pela defesa das tradições cristãs quando proíbe a entrada nos EUA de imigrantes e refugiados de países de maioria muçulmana. A sua prioridade é a segurança, assim como um nacionalismo económico de fortes tintas identitárias. Se alinha com as bases republicanas nalguns debates éticos, como a proibição de financiar com o dinheiro dos contribuintes o aborto no estrangeiro ou a promessa de revogar o "mandato anticoncepcional" da Administração Obama, é mais porque se trata de temas de

partido, do que por Trump ter algum interesse especial nas guerras culturais (“Aceprensa”, 26.10.2016).

Por outro lado, os “votantes de valores” norte-americanos não apoiam em bloco Donald Trump. Destacados intelectuais católicos, como Robert P. George e George Weigel, desaconselharam o voto em Trump durante as primárias republicanas. No entanto, outros intelectuais conservadores defenderam com igual convicção que votar em Trump era um “mal menor” contra o progressismo de Hillary Clinton (“Aceprensa”, 16.9.2016). Apoiaram Trump porque pensaram que assim teriam mais liberdade para impulsionar a sua própria agenda moral, não a do novo presidente.

Entre as fileiras dos partidos populistas haverá sempre simpatizantes que apoiam os seus programas de modo incondicional. Talvez o desafio mais difícil seja interpretar o que querem e contra o que protestam aqueles que os votam sem estarem de acordo em tudo com eles.

J. M.

## Porque rebentou a bolha progressista

Para tapar o normal desacordo sobre o significado dos valores numa sociedade plural, inventou-se um consenso fictício, que não podia durar.

Uma crença muito alargada entre as elites progressistas é que quem se opõe à sua maneira de ver o mundo constitui uma ameaça para a liberdade e a tolerância. A presunção é que esses “bárbaros” querem varrer os valores da democracia liberal. No entanto, a revolta cultural contra as elites também pode ser interpretada como a expressão da falta de consenso existente sobre o significado desses valores, não como a sua contestação.

Nas sociedades democráticas, a maioria dos cidadãos não só não tem problemas com os chamados “valores ocidentais”, reconhecidos nas Constituições europeias, como os apoia e defende. O desacordo surge quando se passa dos valores para as causas. Ou seja, quando a classe política estabelecida e os meios de comunicação social ligados a ela tentam traduzir em medidas concretas o que eles afirmam ser a igualdade, a liberdade, a tolerância ou a diversidade.

Neste aspeto, o *establishment* progressista pode parecer-se com os líderes populistas que tentam sequestrar a vontade do povo. A estratégia é conhecida: as muitas vozes do povo reduzem-se a uma só; e o dirigente populista atribui a si próprio o monopólio da interpretação dessa voz. Tudo o que

medeia entre o líder e os cidadãos é apresentado, de forma interessada, como “não-povo”.

Também as elites namoram por vezes a noção de “não-povo”. E assim, por exemplo, quem quer que se oponha à sua ideia de tolerância é considerado de forma automática como inimigo da tolerância.

Os que não concordam com a mentalidade dominante não se opõem necessariamente à tolerância. Mas sim a que lhes digam que a tolerância pressupõe abençoar e abster-se de criticar os pontos de vista com os quais não concordam.

Não se opõem à igualdade. Mas sim à proteção seletiva dos direitos de grupos, à custa dos de outros.

Não se opõem à liberdade. Mas sim a que lhes coloquem entraves a escolher para os seus filhos uma educação de acordo com as suas convicções, enquanto observam como o Estado toma partido por outras visões do mundo.

Não se opõem à diversidade. Mas sim ao relativismo que confunde a abertura da mente com a aceitação acrítica de todas as ideias e estilos de vida.

### Um consenso fictício

As elites progressistas dão por adquirido que quando elas falam dos “valores ocidentais”, toda a gente concorda com as definições que apresentam desses valores, pois no fundo – pensam – essa é a única interpretação que é de esperar de uma mente ilustrada. O paradoxo é que, pela via do suposto consenso indiscutível, acaba-se por atrair o debate ilustrado.

Explica isso muito bem David Thunder em “El Mundo” (5.12.2016): depois da erosão do consenso moral dos países cristãos, “os discursos políticos e mediáticos tenderam a evitar ou reduzir a fórmulas simplistas e politicamente corretas alguns temas cruciais para o futuro do Ocidente”.

Em vez de assumir com naturalidade democrática (e ilustrada) o pluralismo de valores e de visões do mundo, optou-se por atuar como se todos pensássemos o mesmo. Por um lado, “escondem-se as verdadeiras dificuldades da tolerância e da convivência por trás de afirmações vagas do pluralismo, diversidade e inclusão, que parecem dizer tudo e nada simultaneamente”. Por outro lado, recorre-se ao politicamente correto para tentar inculcar ideias e normas de linguagem que, na opinião das elites, representam o modo correto de se expressar sobre uma série de temas discutidos.

Mas isto é resolver os desacordos de modo falso. A bolha do consenso fictício acaba por rebentar, quando, diz Thunder, os “populistas como Trump, canalizam as frustrações acumuladas de um povo que foi privado durante muito tempo de um fórum público onde expressar e explorar as suas inquieta-

ções". E em vez de enfrentar o já evidente desacordo, regressa-se aos velhos truques e "repudiam-no como um fanático que não merece a sua atenção. E um belo dia, apercebem-se de que este fanático é apoiado por uma percentagem nada desprezível dos outros cidadãos".

mais equilibrado e inteligente sobre a crise de governo e a crise de valores que estão a acontecer no mundo ocidental".

J. M.

## Duplos padrões

Contra a narrativa que só exige mudanças às massas ignorantes, Thunder defende que se distribuam responsabilidades. Se os populistas continuarem a aumentar os seus votos, lugares e influência, as elites terão de se interrogar sobre qual a sua parte de culpa no "vazio ético" que agora os populistas aspiram colonizar. Existe um vazio, não porque faltem valores, mas porque se evitou o debate sobre o significado desses valores.

A tentação aí é querer dissimular a falta de razões, acusando a irracionalidade do rival. Sobre este perigo adverte o jornalista do "Die Welt", Klaus Geiger: "Ninguém pode aceitar as mentiras, mas devemos aceitar que uma democracia pluralista necessita de um debate aberto, e não de uma visão dualista das coisas, onde se viva com a esperança de que, um dia, se imponha um 'espírito do mundo' encarado como bom e avançado. Retrair-se ao próprio "nós" e difamá-los a 'eles' é humano, mas igualmente infantil".

Muito menos ajudam os duplos padrões. É curioso que as mesmas elites que se atribuem a condição de guardiãs da diversidade e da inclusão, façam vista grossa às ofensas para com a religião. Ou aqueles que têm a pretensão de serem de uma enorme tolerância, fiquem nervosos quando alguém defende uma ideia de casamento diferente da sua.

Num admirável exercício de empatia, Ted Folkman – um advogado crítico de Trump – procurou meter-se na mente dos que votaram no republicano. E chegou à conclusão de que a discriminação positiva que trouxe a política identitária é, na sua opinião, um dos motivos mais sérios que alimentam o voto em Trump. Aos injuriados brancos e cristãos, explica em "MercatorNet", é difícil entender que se possam usar "a lei e o ativismo para beneficiar minorias que funcionam como um grupo de pressão clássico, enquanto a eles lhes dizem que não se podem organizar como um grupo racial ou religioso para defender os seus interesses".

É verdade que nem Trump nem outros críticos do politicamente correto facilitaram as coisas, confundindo a liberdade de expressão com as faltas de respeito. Mas responder a um excesso com outro – o encerramento do debate – não ataca a raiz do problema. Diz Thunder: "Se queremos moderar os excessos do populismo é imprescindível preencher o vazio ético da nossa vida pública com vozes que possam representar de modo mais completo os interesses de todos os setores da sociedade (...). Precisamos de fomentar um debate público